

# COMPLEMENTAÇÃO EM APURINÃ (ARUÁK)

---

Sidi Facundes  
Universidade Federal do Pará

## RESUMO

A combinação de orações é analisada em Apurinã em termos de quais processos sintáticos entram em ação quando duas orações são combinadas dentro de uma mesma frase. A comparação entre tais frases é feita tendo como base a oração simples com todos os seus argumentos sintáticos nucleares. Alguns tipos de combinações são estabelecidos e os processos que explicam as diferenças entre elas são apresentados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Complementação; frases complexas; combinação de orações; Apurinã.

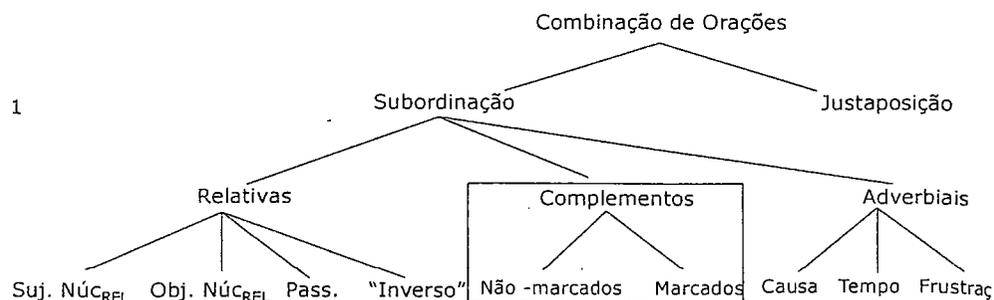
## ABSTRACT

Clause combinations are analyzed in Apurinã in terms of which syntactic processes take place when two clauses are put together within a single sentence. A comparison between such sentences is done on the basis how similar or different the structure of complementation is to that of simple clauses with its core arguments. Some types of clause combinations are arrived at and some processes that explain the differences between them are presented.

**KEY WORDS:** Complementation; complex sentences; clause combining; Apurinã.

## PRELIMINARES

A língua Apurinã é falada principalmente nas cabeceiras de vários afluentes do Rio Purus, no sudeste do Estado do Amazonas. Uma descrição preliminar da gramática da língua pode ser encontrada em Facundes, 2000. Apesar de suas características polissintéticas, o que faz com que muitas das funções geralmente associadas a processos sintáticos sejam expressas morfologicamente, Apurinã apresenta várias operações que entram em ação na combinação de orações simples em construções maiores. Complementação é uma dessas operações, conforme representado no esquema a seguir:



**Subordinação** é aqui definida como um processo através do qual uma frase complexa é formada da combinação de duas (ou mais) orações, sendo que uma dessas orações, a subordinada, “funciona como sintagma nominal, modificador de nomes, modificador de verbos ou proposições completas” (Longacre, 1985, p. 237, tradução minha). É possível distinguir três tipos de subordinações: **relativas**, **complementos** e **adverbiais**. O foco dessa apresentação será nos complementos.

**Complemento** é aqui entendido como o processo através do qual uma frase é constituída de duas ou mais orações, onde uma funciona como sujeito ou objeto de outra. Embora frases complexas (e, por conseguinte, complementação) são menos comuns em Apurinã do que, por exemplo, em línguas como o Português ou o Inglês, há na língua dois tipos gerais de complementos que podem ser distinguidos com base na presença ou não de um marcador formal de subordinação. Isso significa que complementos podem ser descritos em termos de quão similares ou diferentes eles são de **frases plenas**. Complementos que não carregam nenhum marcador formal de subordinação e que, portanto, mais se assemelham a frases plenas, são chamados de **complementos não marcados**. Complementos que carregam um marcador de subordinação ou que são de alguma forma reduzidos são chamados de **complementos marcados**. Uma “frase plena” deve ser entendida como aquela que contém o predicado e ao menos as expressões (morfos) sintáticas argumentais exigidas pela regência do seu predicado (*i.e.* com o seu sujeito e/ou objeto). Como veremos mais adiante, a expressão morfossintática dos argumentos de um verbo pode manifestar-se na forma de sintagmas nominais ou de pronomes proclíticos. As caracterizações semânticas dos verbos (*e.g.* verbos de percepção, enunciação, cognição, etc.) são parcialmente baseadas em Noonan (1985, p. 110-133).

## COMPLEMENTOS NÃO-MARCADOS (CNM)

Estes não carregam qualquer marcador formal de subordinação e podem funcionar como frases plenas; podem assumir o *status* de objeto de verbos de enunciação, verbos de percepção imediata, e ao menos de um verbo de manipulação. No dado em (1), os CNM (entre colchetes) são citações diretas que funcionam como objetos do verbo de enunciação *txa* ‘dizer’:<sup>1</sup>

- [ s-V-o ] s-V APPOS GOAL  
 1a. [Ø-oka-pe-no-na-ko] i-txa kema owa-mokaru  
 [ s-V-o ] s-V APPOS GOAL  
 3M-matar-PFTV-1SG.O-3PL-FUT 3M-dizer anta 3SG.F-META  
 ‘A anta, ela disse para ela, para a mulher: “Eles me matarão!”.’ (3:39:C)  
 [ S V ] s-V  
 b. [nota su-pe; ~-ka] o-txa-nanu-ta  
 1SG ir-PFTV-PASS-PRED 3M-dizer-PROGR-VBLZ  
 ‘Ela está dizendo: “Eu já fui.”’ (3:40.5:C)

Nos próximos exemplos em (2) os CNM são citações indiretas que funcionam também como objetos do verbo de enunciação *txa*:

- APPOS [ S V-o O ] s-V  
 2a. owa [kuku oka-pe-ru ākiti] o-txa-nanu-ta  
 3SG.F hoem marar-PFTV-3M.O onça 3F-dizer-PROGR-VBLZ  
 ‘Ela, ela está dizendo que o homem matou a onça.’ (3:39:C)  
 [ S V-o O ] APPOS S V-o  
 b. [o-kura suto atama-ta-ru kema] pita txa-ru  
 3F-DISTAL mulher ver-VLBZ-3M.O anta 2SG dizer-M.O  
 ‘Você disse isso, que a mulher viu a anta.’ (3:39.5:C)

Nos dados em (1) e (2a), não há qualquer distinção formal entre discurso direto e discurso indireto como complementos objetos de verbos

<sup>1</sup> 1. Lista das abreviações usadas

AFET=afetado	DESPOS=desposuído
ÊNF=ênfase	F=feminino
FUT=futuro	GER=gerúndio
M=masculino	NMLZ=nominalizador
OBJ, O, -o=objeto	PASS=passiva
PFTV=perfectivo	PL=plural
PRED=marcador de predicado	PROG=progressivo
SG=singular	SUJ, S, s=sujeito
V=verbo	VBLZ=verbalizador

de enunciação. Essa distinção, contudo, pode ser feita prosodicamente, com uma pausa mais longa entre o verbo e o seu complemento no caso do discurso direto. O verbo *txa*, entretanto, apresenta uma propriedade específica que o distingue de outros verbos que exigem complementos, o seu complemento necessariamente o precede. Exatamente por isso o dado em (3) não é aceitável:

- s-V [ S V ]  
 3. \**o-txa-nānu-ta* [nota su-pe; ~-ka]  
 3M-dizer-PROGR-VBLZ 1SG ir-PFTV-PASS  
 (Ela está dizendo: “Eu já fui.”) (3:40.5:C)

(Ela está dizendo que ela já foi.)

Em (4) temos mais um verbo de enunciação, *sāpire ta* ‘contar (uma história)’ sendo ilustrado:

- S V-o [ S APPOS V-o O ]  
 4a. *pita sāpire-ta-ru* [owa suto atama-ta-ru kema]  
 2SG dizer-VLBZ-3M.O 3SG.F mulher ver-VBLZ-3M.O anta  
 ‘Você contou que a mulher viu a anta.’ (3:39.5:C)

- S V-o [ S APOS V-o O ]  
 b. *pita sāpire-ta-ru* [uwa kuku oka-pe-ru kema-nhi]  
 2SG dizer-VLBZ-3M.O 3SG.M homem matar-PFTV-3M.O anta-AFET

‘Você disse que ele, o homem, já matou a anta.’ (3:39.5:C)

Os dados em (5) ilustram o verbo de percepção imediata, *etuka* ‘ver’, em (5a-b), e o verbo manipulativo *akirita* ‘chamar’, em (5c), ambos predicados que exigem complementos:

- s-V-o O [ META O s-V ]  
 5a. *n-etuka-ru mipa* [youka-monhi sākire-txi u-sāpireta]  
 1SG-ver-3M.O Mipa Youka-META fala.de-DESPOSS 3M-dizer  
 ‘Eu vi Mipa contando histórias para o Youka.’ (3:42:C)

- s-V-o [ S V META ]  
 b. *n-etuka-ru* kuku muteka-nānu-ta i; ~topa  
 1SG-ver-3M.O homem correr-PROGR-VBLZ mata  
 ‘Eu vi o homem correndo na mata.’ (3:40:C)

- s-V-o [ S V ]  
 c. *p-akirita-ru* Chico Velho nhipoko-ta-ko  
 2SG-chamar-3M.O comer-VBLZ-FUT

‘Chame o Chico Velho para comer.’ (DB:9:A/F)

## COMPLEMENTOS MARCADOS (CM)

Estes carregam o marcador de **gerúndio** *inhi* e constituem o tipo mais freqüente de complementos frasais encontrados na língua. Os CM podem ser divididos em subtipos distintos com base nas propriedades formais de seus principais componentes.

O primeiro tipo de CM é aquele cujo predicado carrega o marcador *inhi* e cujo objeto é marcado no verbo da oração matriz. Sob uma visão teórica específica, tais casos podem ser tratados como construções em que o objeto do verbo do CM assume o *status* de objeto do verbo da oração matriz, ou seja o objeto do verbo do CM teria sido “promovido” a objeto do verbo da matriz. Tais complementos podem ocorrer com o verbo de cognição, *umarota* ‘saber’, conforme ilustrado em (6). Nesse exemplo, *inhi* ocorre na segunda oração, tornando-a uma subordinada que funciona como objeto da oração matriz:

- s-V-o [ O s-V-GER-o ]  
 6. *Ø-umarota-putu-ka-ro* [āāta u-kam-inhi-ro]  
 3M-saber-ÊMF-PRED-3F.O canoa 3M-fazer-GER-3F.O

‘Ele sabe como fazer canoa.’ (DB:16:A/F)

Os próximos dados em (7) ilustram CM ocorrendo com o verbo desiderativo *nereka* ‘querer’. Em (7a) *nu serepi* ‘minha flecha’ é o tema e objeto primário, enquanto *kuku* é o beneficiário e objeto secundário no CM. Nesse caso, a forma proclítica marcada masculina no verbo, *i.e.* *ru*, tem o mesmo referente que o beneficiário no CM, pois o tema do verbo da matriz (‘a coisa dada’), *serepi* ‘flecha de’, é do gênero feminino. Isso é confirmado pelo dado em (7b), que não é aceitável porque nele o marcador proclítico encontrado no verbo da matriz corresponde ao beneficiário e não ao tema do verbo do CM:

- s-V-o [ O BEN s-V-GER ]  
 7a. *nu-nereka-ka-ru* [nu-serepi kuku nu-suk-inhi]  
 1SG-querer-PRED-3M.O 1SG-flecha.de(F) homem 1SG-dar-GER  
 ‘Eu quero dar ao homem o meu arco.’ (3:41:C)

- s-V-o [ O BEN s-V-GER ]  
 b. \**nu-nereka-ka-ro* [nu-serepi kuku nu-suk-inhi]  
 1SG-querer-PRED-3F.O 1SG-flecha.de(F) homem 1SG-dar-GER

(Eu quero dar ao homem o meu arco.) (3:41:C)

Uma interpretação da marcação recebida pelo objeto secundário do verbo do CM (através da marca de correferencialidade encontrada no verbo da matriz) seria que o objeto secundário *kuku* 'homem' do verbo *suka* 'dar' foi promovido para adquirir o *status* de objeto (primário) do verbo da matriz.

Portanto, esses primeiros tipos de CM podem ser analisados como casos de promoção de argumentos envolvendo o *status* sintático desses argumentos verbais na subordinada e na matriz. Há outros tipos de CM, contudo, que podem ser associados ao fenômeno da **equi object control deletion**, onde o objeto de um verbo de um CM e o sujeito de um verbo da oração matriz são correferenciais. Nos dados em (8) o CM ocorre com o verbo de manipulação *awirita* 'permitir', é marcado por *inhi* no verbo, e seu sujeito proclítico pronominal *n* tem o mesmo referente que o objeto enclítico pronominal *no* encontrado no verbo da oração matriz:

S V-o [s-V-GER ]  
 8a. *natxi kona awirita-no [n-umak-inhi]*  
 fome não permitir-1SG.O 1SG-dormir-GER  
 'A fome não me deixou dormir.' (3:42.5:C)

S V-o [s-V-GER ]  
 b. *posonata-txi kona awirita-no [n-umak-inhi]*  
 ter.sede-DESPOS não permitir-1SG.O 1SG-dormir-GER  
 'A sede não me deixou dormir.' (3:42.5:C)

O terceiro e último tipo de CM consiste daqueles que se diferem de frases plenas da seguinte forma: o verbo do CM carrega o marcador de gerúndio *inhi* e o verbo da oração matriz carrega um marcador pronominal que pode ser interpretado como correferencial ao complemento como um todo, e não a um ou outro argumento do verbo do CM. Nos dados em (9) as frases complexas têm, respectivamente, o verbo "comentativo" *potxita* 'gostar' e o verbo desiderativo *nereka* 'querer'. Nesses dados os verbos do CM são intransitivos, carregam o marcador de gerúndio e o proclítico pronominal para a primeira pessoa do singular, sujeito. Além disso, os CM funcionam como objeto do verbo da matriz, e são marcados pelo gênero *default* para terceira pessoa, masculina, objeto, *ru*, nesse verbo:

S V-o [s-V-GER ]  
 9a. *nota potxita-ru [n-okatsā-t-inhi]*  
 1SG gostar-3M.O 1SG-pescar-VBLZ-GER  
 'Eu gosto de pescar.' (DB:13:A/F)

S V-o [s-V-GER ]  
 b. *nota nereka-ka-ru [nhi-nhipoko-t-inhi]*  
 1SG querer-PRED-3M.O 1SG-querer-VBLZ-GER

'Eu quero comer.' (DB:13:A/F)

Tais complementos são traduzíveis como construções **equi-subject** em línguas como o Português ou o Inglês (*i.e.* onde o sujeito da subordinada é elidido mediante igualdade de referência com o sujeito do verbo da matriz). Em Inglês o sujeito da subordinada é elidido (*I want \_\_\_\_\_ to eat.*); o mesmo acontece em Português (*Eu quero \_\_\_\_\_ comer.*); em Apurinã o sujeito do verbo do CM é expresso na forma pronominal clítica. Portanto, enquanto em línguas como Inglês e Português, o papel gramatical do argumento elidido é recuperado apenas a partir do argumento correferencial da oração matriz, em Apurinã esse papel gramatical é recuperado a partir do proclítico pronominal encontrado no verbo do CM.

Para concluir, é importante notar que a análise aqui apresentada não pretende ser exaustiva e tampouco final. Evidências que permitirão uma análise conclusiva devem levar em consideração o comportamento sintático dos argumentos encontrados nos complementos oracionais. É preciso determinar com clareza o comportamento de sujeito e objeto na língua, pois a expressão morfossintática nem sempre reflete de modo consistente o *status* gramatical de uma construção sintática.

## REFERÊNCIAS

- Facundes, Sidney da S. *The Language of the Apurinã People of Brazil*. Tese de Ph.D., SUNY-Búfalo: Búfalo, NY, 2000.
- LONGACRE, Robert E. Sentence as Combinations of Clauses. In: Timothy Shopen (ed.), *Language Description and Syntactic Typology. Clause Structure*, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 42-140, 1985.
- NOONAN, Michael. Complementation. In: Timothy Shopen (ed.), *Language Description and Syntactic Typology. Clause Structure*, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 42-140, 1985.